

## **A “CASA” ANALISADA DO PONTO DE VISTA SÓCIO-AMBIENTAL EM ALGUNS BAIRROS RESIDENCIAIS DE UBERLÂNDIA**

**Elza Cristina Santos (\*)**  
**Dra. Marlene T. de Muno Colesanti (\*\*)**

### **INTRODUÇÃO**

Habitação é um dos temas que provocam bastante interesse por parte dos arquitetos e pesquisadores por apresentar-se como uma espécie de elo, de mediação entre seus moradores e o espaço que os envolve, o espaço público e atualmente também o espaço cósmico, das telecomunicações. Ela apresenta-se ainda como forma cristalizada do espaço de morar, e esse espaço seria a resultante de um processo criativo que passa pelas necessidades pessoais, sociais e culturais da integração homem-habitat.

Neste sentido, uma reflexão sobre as formas e os modos de morar transcende à racionalidade dos programas arquitetônicos de necessidades, pois compreende uma série de considerações sobre a vida privada, seu conforto, intimidade, privacidade, interesse, cotidiano, trabalho e muitas outras questões como identidade e nível de renda e de escolaridade dos seus moradores.

Sendo assim, a “casa” sugere ser muito mais que um abrigo, é um lugar onde se materializam sonhos e desejos e um lugar que proporciona segurança e satisfação de necessidades de subsistência e de conforto.

Atualmente, a vida urbana moderna tem alterado as relações entre as pessoas e os habitantes das cidades e os espaços que elas habitam. Muitas delas procuram se distanciar dos centros estressantes e por vezes degradantes das cidades preferindo lugares sossegados onde a qualidade do ambiente construído é boa e onde elas podem participar desta construção, quem sabe, deixando aí as suas marcas.

A idéia de estudar a habitação, especialmente a habitação da classe média, veio do interesse em pesquisar um pouco sobre os hábitos, gostos e identidade desta classe de pessoas que constróem suas casas baseadas na tripartição da casa burguesa européia do final do século XIX, com suas áreas distintas divididas em áreas sociais, áreas de serviço e áreas íntimas e ainda do interesse em desenvolver diretrizes para projetos habitacionais, cujo êxito de concepção está condicionado à compreensão da evolução, no tempo, dos processos e alterações dos modos de morar e dos modos de satisfazer as várias funções da habitação.

O trabalho avalia as relações existentes entre a habitação e o seu entorno e entre a habitação e seus usuários, considerando parâmetros físicos tais como: clima, topografia, ocupação do solo, conforto das edificações, tipologias e materiais, e os parâmetros sociais; identidade, interesse, cotidiano e postura do usuário.

Faz uma “análise de caso” direcionada à habitação de classe média do bairro residencial Jardim Karaíba na cidade de Uberlândia - MG. Analisa o desempenho da “casa” desde a sua implantação às intervenções exercidas pelos usuários, e avalia as relações causais entre o espaço doméstico e o comportamento dos moradores, tendo como diretriz a ênfase nas variáveis espaciais, programa de necessidades, privacidade, territorialidade, espaço pessoal e segurança, e ainda, avalia como a revolução da informação, com suas novas mídias, tem influenciado no desenho da habitação.

### **CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO**

A seleção da área de estudo, o bairro Jardim Karaíba, levou em consideração a proximidade deste em relação ao centro ( aproximadamente 6 km), em relação à Universidade Federal de Uberlândia e o Shopping Center da cidade( aproximadamente 7 km ) e ainda o fato de nele estar situada a UNIT - Universidade Integrada do Triângulo.

Notamos enfim que o Jardim Karaíba é preferido por uma boa parte da classe média. Esta preferência vem das muitas “qualidades” desejadas por esta classe, ou seja: segurança, tranquilidade e arborização. Notamos também que muitos construtores estão fazendo casas para venda no bairro adjacente, o Jardim Indaiá, um

---

(\*) Arquiteta, Coordenadora do curso de Decoração da UFU, Professora nos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Decoração da UFU, Mestranda em Geografia na UFU. e-mail: [ecristinas@zophia.com.br](mailto:ecristinas@zophia.com.br) - [ecristinas@centershop.com.br](mailto:ecristinas@centershop.com.br)

(\*\*) Geógrafa, Coordenadora do Programa de Mestrado em Geografia da UFU. e-mail: [mmuno@ufu.br](mailto:mmuno@ufu.br)

prolongamento do Jardim Karaíba que possui também áreas verdes públicas na frente dos lotes, mas com restrições urbanísticas um pouco diferentes das do outro.

O bairro também se localiza nas imediações de bairros de classe média alta que têm terrenos grandes e casas com alto padrão de acabamento, e fica próximo aos melhores clubes da cidade, o Praia Clube e o Cajubá Country Clube ( freqüentados por pessoas que têm médio e alto poder aquisitivo) e de escolas particulares destinadas aos filhos de uma pequena elite da sociedade.

Além dessas características, o bairro é todo arborizado, inclusive com áreas verdes públicas na frente dos lotes, modelo inspirado nos subúrbios residenciais das cidades americanas, e apresenta ter bastante segurança e tranquilidade (ver figuras 1, 2, 3). No início de seu lançamento, algumas de suas casas foram construídas para serem comercializadas e se tornarem um tipo de “modelo” para outras que certamente viriam

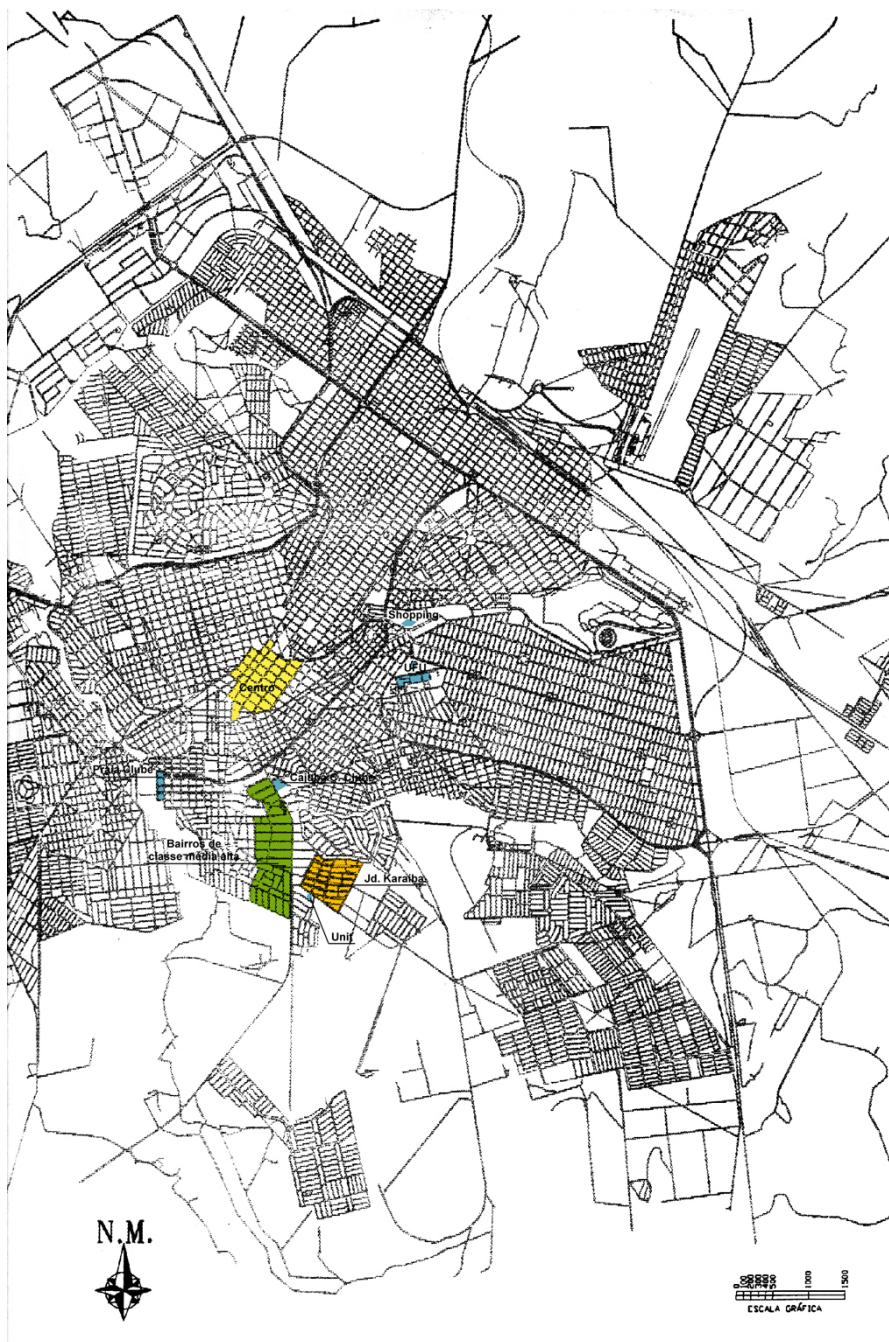


Figura - 01 - Mapa de localização do Bairro Jardim Karaíba



Figura - 02 - Área verde pública do bairro em frentes às habitações



Figura - 03 - Jardim frontal das habitações

#### **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

As sociedades estão passando por uma série de transformações ao longo do tempo que vêm afetando os programas residenciais e conseqüentemente o desenho das habitações. Percorrendo a evolução das formas de morar e dos modos de vida correspondentes a cada período é possível detectar as características espaciais e funcionais da habitação e as transformações decorrentes das alterações de comportamento e perfil de seus moradores.

A diversidade de soluções encontradas nos exemplos das moradias da classe média sugere uma investigação em suas origens. Segundo Tramontano(1993) no que concerne ao desenho do espaço doméstico, nota-se que o ritmo das inovações tem sido lento. As pessoas habitam em casas e apartamentos cujos espaços tendem a assemelhar-se a tipologias que vão do modelo da habitação burguesa européia do século XIX, caracterizado pela tripartição em áreas social, íntima e de serviços ao modelo da habitação “moderna”, com sua uniformidade de soluções baseada na democratização das características gerais dos espaços.

No caso da habitação européia do século XIX, ainda na visão de Tramontano(1993), a presença dos empregados domésticos era indispensável, mesmo que tivessem que ficar “escondidos” nas áreas dos fundos.

As salas e eventualmente os quartos eram zonas prestigiadas e voltadas para a fachada principal.

Os espaços íntimos, principalmente os quartos, ficavam na parte central da habitação pois requeriam maior privacidade, e os banheiros, cozinhas e quartos de empregados eram considerados “espaços de rejeição” e portanto relegados aos fundos da moradia.

Já nas propostas modernas do primeiro pós-guerra, a cozinha foi trazida dos fundos da casa para junto com a sala de estar, tornar-se o espaço privilegiado do convívio entre os membros da família, onde a mãe era a principal encarregada das atividades domésticas.

Estudos também seriam feitos no sentido de otimizar o trabalho da mulher dentro da cozinha e reduzir ao mínimo necessário sua área, diminuindo assim o tempo gasto nas tarefas de casa. Estes estudos de “áreas mínimas” seriam então uma questão a ser verificada em todo o projeto da habitação, inclusive utilizando-se de equipamentos móveis tais como: portas de correr, camas escamoteáveis, mesas dobráveis ou sobre rodinhas, que deveriam contribuir para o máximo aproveitamento do espaço. (Argan, 1992).

É este o tipo de habitação, que mescla princípios da casa burguesa do século XIX com princípios da casa “moderna” que vem sendo reproduzida em várias cidades em todo o mundo.

Fica difícil pensar no desenho da habitação contemporânea sem pensar nas transformações que a estrutura familiar tem passado. Questões como a queda da fecundidade, aumento da longevidade, inserção da mulher no mercado de trabalho, liberação sexual, fragilidade das uniões, individualismo acentuado, são tendências atuais da sociedade na qual a família está inserida. Essas questões vêm aos poucos modificando o perfil do cotidiano das pessoas e alterando os espaços da habitação. Outras questões como as relacionadas com a globalização e a revolução da informação são também de igual importância no estudo da habitação contemporânea. Segundo Virílio(1993), os eletrodomésticos de última geração, a televisão, telefone, fax e terminais informatizados mudam profundamente hábitos e costumes, e é a casa que faz a conexão entre esse mundo novo das telecomunicações, o espaço público e os próprios usuários da habitação. Com as novas tecnologias termina a separação entre a realidade das distâncias de tempo e de espaço. A observação direta, tendo em vista os acontecimentos é substituída pela teleobservação.

Um procedimento que colabora nas pesquisas e métodos de avaliação voltadas à ênfase no usuário e seu comportamento e no desenvolvimento do redesenho da habitação são as aplicações da AVALIAÇÃO - PÓS - OCUPAÇÃO (APO). A APO, desde a década de 70 no Brasil (Ornstein, 1996) tem procurado auxiliar no estabelecimento de elos metodológicos entre ensino, pesquisa e prática profissional ,que por sua vez, auxiliam nos estudos de percepção ambiental. Esta metodologia pretende diagnosticar aspectos positivos e negativos a partir da avaliação de fatores técnicos, funcionais, econômicos, estéticos e comportamentais do ambiente. A APO pode ser entendida como um método interativo que aponta patologias e sugere terapias no desenvolvimento do processo de produção e uso de ambientes construídos.

## **METODOLOGIA**

As características da habitação de classe média apresentam-se bastante próximas, nas regiões do país, guardando porém, algumas peculiaridades. Para análise da situação específica das habitações do bairro Jardim Karaíba serão realizadas tarefas tais como:

1. Levantamento bibliográfico para elaboração do projeto
2. Escolha de algumas habitações para serem analisadas
3. Levantamento de dados
  - 3.1. Levantamento de mapas e projetos arquitetônicos
  - 3.2. Levantamento de legislação arquitetônica, urbanística e ambiental
  - 3.3. Levantamento da área e seu entorno
    - Padrões urbanísticos e arquitetônicos
    - Infra-estrutura disponível
    - Tendência de desenvolvimento para a área
    - Visuais
    - Proximidade de equipamentos urbanos
  - 3.4. Levantamento de detalhes, materiais, tipologias, reformas e alterações efetuadas e pretendidas
  - 3.5. Levantamento de hábitos, necessidades e preferências dos usuários
4. Aplicação de questionários (APO) para avaliar a interação dos usuários com a moradia e com o lugar onde moram, e o desempenho das edificações

## **CONCLUSÃO**

Transformações significativas no desenho das habitações começaram a aparecer depois da segunda guerra mundial, ajudadas com o uso dos equipamentos eletrodomésticos, a máquina de escrever e posteriormente o computador.

Algumas destas transformações podem ser percebidas no interior das casas e no modo de vida como: permanência da família dentro de casa, motivada pela possibilidade de executar tarefas no espaço virtual, utilização de equipamentos móveis como os laptops e telefones celulares, ampliando assim os limites da moradia.

Outras transformações estão relacionadas com as funções da habitação: os espaços de convívio ganham vários espaços na casa, não necessitando mais de um espaço específico para esta função; os de repouso, além das características convencionais, podem se tornar áreas de estudo e lugar para receber amigos ou, em alguns casos se tornarem áreas de isolamento; os banheiros ganham novas dimensões para se transformarem em espaços de relaxamento e não apenas lugares destinados à higiene pessoal; os espaços para preparação de alimentos se aproximam das áreas de convívio e recebem cada vez mais equipamentos eletro-eletrônicos; o trabalho em casa pode ser integrado aos de convívio e lazer, pois na verdade ele pode ser resumido à uma tela de computador; e a estocagem seria uma das funções especiais da casa, merecendo hoje bastante atenção, pois os dispositivos de estocagem servem para integrar ou dividir ambientes e possibilitam o contínuo redesenho dos espaços.

Concluindo podemos observar que a habitação contemporânea não perdeu suas raízes históricas, mas que no contexto da atualidade, ela tem passado por transformações contínuas que precisam ser analisadas criteriosamente e criativamente pelos pesquisadores e arquitetos a fim de rever os programas e os desenhos dos espaços domésticos e a fim de buscar fundamentos e métodos projetuais que resultem em orientações positivas no equacionamento de ambientes melhores e mais eficazes em sua utilização para os usuários.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, Giulio C. A arte moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1992
- CASTELLS, M. Prólogo - A rede e o ser, A revolução da informação. In: A sociedade em rede, 2 ed., São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COMPANS, Rose. O paradigma das global cities nas estratégias de desenvolvimento local. Revista brasileira de estudos urbanos e regionais, Brasília: 1999.
- DEL' Rio, Vicente. Introdução ao Desenho Urbano . São Paulo: Ed. Pini, 1990.
- EHRENREICH, Bárbara. O medo da queda, ascensão e crise da classe média. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda, 1994.
- FERRARA, Lucrecia D'aléssio. Ver a cidade. São Paulo: Ed. Nobel, 1988.
- GUIMARAENS, D. e Cavalcanti, L. Morar: a Casa Brasileira, Rio de Janeiro: Avenir, 1984.
- GROPIUS, W. Bauhaus no arquitetura. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.
- HWISTON, Anne Spirn. O jardim de granito. São Paulo: EDUSP, 1995.
- LE CORBUSIER. "Le Corbusier 1910-1965". Barcelona: Ed. Gustavo Gilli, 1971, p.28, citado por Tramontano, M. In.: Habitação moderna - a construção de um conceito. EESC-USP, 1993.
- \_\_\_\_\_. A carta de Atenas. São Paulo: Hucitec, 1994.
- LEMONS, Carlos A. C. A República ensina a morar { melhor}. Hucitec 1999.
- \_\_\_\_\_. História da Casa Brasileira. São Paulo: Contexto, 1989.
- \_\_\_\_\_. Alvenaria Burguesa. São Paulo: Ed Nobel, 1985.
- LYNCH, Kelvin. A imagem da cidade. São Paulo: Ed Martins Fontes, 1988.
- OLIVEIRA, José Palazzo M. Informação, informática e sociedade. In: Revista São Paulo em Perspectiva, 8 (4), 1994.
- ORNSTEIN, Sheila Walbe. Desempenho do Ambiente Construído, Interdisciplinariedade e Arquitetura. São Paulo: FAU - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 1996.
- RROT, M. Maneiras de morar. In.: História da vida privada. Vol. 4, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- RAMIRES, Júlio César de Lima. Produção simbólica dos espaços verticalizados e as novas lógicas de consumo da habitação nas cidades brasileiras. In: Revistas de Estudos Universitários. Sorocaba: SP, vol. 25, nº1, 1999, pg. 123 - 137.
- RYBCZYNSKI, Witold. Casa, pequena história de uma idéia. tradução Betina Von Staa, Rio de Janeiro: Record, 1986.
- SANTOS, Carlos Nelson F. A cidade como um jogo de cartas. Niterói: EDUFF, 1988.
- SANTOS, Milton. O espaço interdisciplinar. São Paulo: Ed. Nobel, 1996.
- \_\_\_\_\_. Pensando o espaço do homem. São Paulo: Hucitec, 1982. SASSEN, Saskia. Cidades en la economía global: enfoques teóricos y metodológicos. In: Revista Eure, Santiago do Chile: V-14, n.71, p. 5-25, Marz 1998.
- SOARES, Beatriz R. Habitação e Produção do Espaço em Uberlândia. São Paulo, Tese (Mestrado em Geografia), USP, 1988.
- TASHNER, Suzana P. Habitação contemporânea e dinâmica populacional no Brasil: notas muito preliminares. In: 7º encontro Nacional da ANPUR, 1997, Recife, Anais...Recife: Associação Nacional de Pós - Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 1997, volume 1, p. 321 - 327.
- TRAMONTANO M.; PRATSCHKE, Anja; MARCHETTI, M. Habitação e novas mídias: estado das coisas, Texto tirado do site do GHab localizado no endereço eletrônico, [www.eesc.sc.usp.br/ghab](http://www.eesc.sc.usp.br/ghab)
- TRAMONTANO, M. Novos modos de vida, novos espaços de morar. São Carlos: EESC-U5P, 1993.
- \_\_\_\_\_. Habitação contemporânea - riscos preliminares. EESC-USP, 1995.
- \_\_\_\_\_. Habitação moderna - a construção de um conceito. EESC-USP, 1993.
- VIRILIO, P. O espaço crítico: perspectivas do tempo real. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.